

Reflexos da pluralidade cultural e da formação identitária na obra de Yisroel Pinchas Lazarovitch/Irving Layton

Prof. Dr. Alexandre Feldman (USP)

Resumo:

Irving Layton, judeu canadense nascido na Romênia e duas vezes indicado ao Nobel de literatura, oscilou na escolha definitiva do nome artístico, sinalizando o embate entre o desejo de aculturação e o seu caráter rebelde. Sua formação identitária múltipla é resultado da pluralidade cultural em que cresceu. Pretende-se aqui demonstrar como esse processo identitário se projeta em sua carreira, destacando desde o fato de o poeta ter nascido naturalmente circuncidado em um ambiente judaico religioso, o universo dos imigrantes em Montreal até o seu envolvimento com o marxismo e o socialismo que ofereceram a ele uma alternativa à vida religiosa e burguesa e também uma resposta ao preconceito e atitudes anti-judaicas que surgiram no Canadá como reflexo do que ocorria na Europa com a ascensão do fascismo e do nazismo.

Palavras-chave: poesia canadense, multiculturalismo, formação identitária, identidade judaica.

Presença marcante no cenário cultural canadense Irving Layton revelou em sua obra aspectos inconfundíveis da representação identitária plural, da áspera crítica ao ambiente literário e político-social, e da discussão de questões filosóficas e fatos históricos que moldaram o século XX. Sua produção escrita engloba de poemas e ficção a ensaios e crítica. Nascido naturalmente circuncidado em 1912 num ambiente judaico religioso em Tîrgu Neamţ, na Romênia, recebeu o nome de Yisroel Pincus Lazarovitch. Sua família emigrou para Montreal em 1913, onde cresceu na fronteira do bairro anglófono ashquenazita e a parte católica e francesa, limitado ainda pelo espaço anglo-saxão e pela área dos nativos Mohawks. A imagem da mãe ativa em oposição ao pai apático e entregue ao estudo religioso como fuga às dificuldades na nova terra complementa a visão do mundo exterior e imprime no jovem Issi a percepção da realidade como justaposição de forças contrárias.

1912. É assim que o poeta inicia sua autobiografia intitulada *Esperando pelo Messias*. Em vez de oferecer uma data, Layton surpreende o leitor ao apresentar um número isolado, uma convenção fria do calendário. No entanto, a seguir, expõe de imediato o conforto do lar ao mencionar que aquele nascido para ser poeta chegava ao mundo sentindo o cheiro de *challah*. E reafirma que, enquanto outros aromas vinham e iam, este permanecia, ditando ódio e ternura. O poeta recorre a esta lembrança da infância, do cheiro de pão assado especialmente para o *shabbat*, para dizer que nasceu em um mundo de fábulas, de histórias que recebiam significados importantes, o mundo dos judeus, o universo do judaísmo religioso do leste europeu, em grande parte desaparecido e dizimado pelo genocídio perpetrado pelos nazistas e seus colaboradores algumas décadas depois. Esse ambiente e esse povo, agora exaltado pelo poeta que olha para o passado e tenta reescrever sua vida, ofereceram suas raízes mais profundas. Contudo, essa realidade inatingível, tanto na escrita quanto na história, recebe na autobiografia um apreço acima do que o demonstrado pelo autor durante sua vida. O ambiente judaico foi marcante em sua infância, mas não foi um mundo no qual Layton quisesse permanecer. Ao contrário, dele emergiu e se afastou em sua juventude, retornando apenas quando bem mais maduro escreveu sobre seus sentimentos em relação à sua judaicidade. Entretanto, não se pode dizer que a marca hebraica não se mostre presente mesmo nos primeiros poemas em que ele exalta o lirismo, deuses e musas gregas, a sensualidade e o erotismo entre outros elementos, apenas pode-se declará-la submersa. De qualquer forma, o que salta aos olhos daquele que trava contato com a autobiografia de Irving Layton é que mais uma vez o autor está criando, desta vez narrando histórias sobre Israel Pinchas Lazarovitch. Agora Layton é narrador de si, ou de uma parte de si, mas para frustração de muitos, se revela outro, pois quem escreve agora é Irving Layton. O autor usa a força de um narrador para falar de si. E este narrador é o poeta. Na verdade, para evitar a frus-

tração tem-se de necessariamente pensar *o múltiplo* em vez de *o outro*, ou seja, aceitar a impossibilidade de fronteiras precisas entre poeta e pessoa.

Irving Layton começa escrevendo sobre o pequeno *Flamplatz* sem ao menos se referir ao apelido de *chama ardente*, em ídiche, que recebera de sua mãe. Tal informação tem de chegar por outras fontes ou o leitor de sua autobiografia pode perder detalhes importantes da influência que ela exercera sobre ele. Prossegue dizendo que o pequeno menino cresceu ouvindo histórias de que havia sido predestinado a ser um messias ou alguém extraordinário. Mas esta predestinação teria arrefecido com a mudança da família para o Novo Mundo? Este movimento, à época, para a maior cidade do Canadá revela que suas primeiras lembranças e a importância que elas tiveram durante sua vida, foram narradas por seus familiares. Israel Pincu Lazarovitch não tem lembranças conscientes da *challah* sendo preparada nem dos rabinos que o visitaram em Tirgu Neamt para verificar os rumores de que o messias poderia ter nascido. Estes elementos marcantes na identidade do autor são de extrema relevância porque atestam que a identidade também é um produto da elaboração do discurso. Os limites de nossas tradições narrativas servem como limites de nossa identidade. Como o discurso - no qual as narrativas se processam e se modulam - existe no meio social, na interação entre falante(s)/ouvinte(s), a criação discursiva da identidade coletiva, tanto quanto a identidade individual, é modelada no meio social. Tende-se, comumente a imaginar o indivíduo como um ser único, indivisível, como alguém portador de uma identidade coerente e constante, esquecendo-se de que o indivíduo adota e assume identidades específicas conforme o posicionamento e situações específicas. Esse processo é marcante no caso de Irving Layton e pode ser mais facilmente apreendido pela constante troca de nome como num processo de autodescoberta de sua identidade ou facetas de sua identidade ou identidades concomitantes.

Uma de suas irmãs ao comentar que a sua primeira atitude quando viu o bebê Israel Pincas, foi a de providenciar um berço, afinal, o pequeno "messias" era especial, comprova que a narrativa absorvida molda a identidade e que com a repetição e reiteração das narrativas, mesmo que com pequenos ajustes e modificações, falante e ouvinte adquirem crenças sobre si mesmos e sobre o material narrado que não necessariamente formam um todo coerente. O que ocorre é que as narrativas e os diferentes posicionamentos criam "eus-internos múltiplos" que podem se contradizer conforme as situações em que são colocados e também no momento que falante e ouvinte negociam o posicionamento no discurso e a validação do conteúdo deste. Tivesse Issi não dado tanta importância às narrativas absorvidas no ambiente familiar sobre o seu nascimento, talvez o poeta Irving Layton fosse menos arrojado. Mas aqui cabe a pergunta se o limite imposto pela narrativa permitiria tal desprendimento? Independente da resposta, a certeza de sua força especial foi gravada em sua consciência mesmo que surgida por meio de um discurso religioso que o próprio autor questionou, duvidou e, mais tarde, abandonou. Assim, foi o jovem Issi, predestinado a messias, que tentou resculpir Israel Lazarovitch e criar o poeta Irving Layton. Deste modo, Layton enquanto Layton é a exteriorização de partes de Lazarovitch. Esta forma de pensar o poeta dentro da pessoa como um fragmento permite explicar as discontinuidades na produção da identidade, na criação dos eus, pela multiplicidade de narrativas e discursos sobrepostos e também interpretações múltiplas conforme o posicionamento dos interlocutores e ouvintes. Sem esquecer que, numa dimensão ainda mais ampla, a identificação da identidade passa pelo crivo da história e valor cultural, reafirmando que história e comunidades estão interligadas de um modo que a inteligibilidade das narrativas sinaliza a identificação das comunidades e a modulação e inter-relação dos discursos. Assim, os poemas de Layton, também são poemas de Lazarovitch e vice-versa. Layton se transforma numa Hidra e suas múltiplas cabeças revelam suas mais variadas facetas. Se o autor usa o poeta dentro de si, sua parte poética, seu eu-lírico de modo a colocar no papel sua visão da realidade e seu sentimento, o poeta exteriorizado no poema ou simplesmente veículo para produção do poema precisa de Lazarovitch e de suas múltiplas identidades e visões para poder existir, pois o poeta é o resultado dos processos que antecederam sua criação. Em suma, o poeta é, quanto identidade, também criação, ainda que não recorra a pseudônimos ou heterônimos.

Lazarovitch oscilou na escolha definitiva do seu nome artístico, o que sinaliza o embate entre o desejo de aculturação e seu caráter rebelde que procurava quebrar os rígidos limites étnico-culturais socialmente fixados. O jovem Issi cresceu numa Montreal pobre, na fronteira entre a comunidade anglófona e francófona, em uma época em que o número crescente de imigrantes judeus não era visto com bons olhos. Se o termo anti-semita era uma elaboração incompreensível, as palavras *maudits juifs* proferidas por vizinhos e colegas foram muito bem compreendidas e interiorizadas pelo jovem Issi. Os assédios e até mesmo a violência física, as brigas entre gangues anti-semitas e jovens judeus lhe renderiam outro apelido na época em que frequentou a escola primária. Issi ficou conhecido como *Nappy*, em referência a Napoleão Bonaparte pela coragem com que enfrentava os ataques. Tal apelido revela traços fortes de sua personalidade. Mas a infância de Issi acabou rápido com a morte de seu pai e, principalmente, depois que sua mãe casou-se novamente e ele teve de viver por conta própria, assim como seus outros irmãos.

O gosto por leitura mostrava um universo maior do que aquele de sua comunidade. Em vez de seguir os passos de seu pai para o mundo religioso - tão perto e ao mesmo tempo tão distante - ou fazer como seus irmãos e continuar trabalhando como vendedor, Issi optou por se matricular no ensino médio contra a vontade de sua família. Essa decisão foi crucial na vida do jovem *Israel* porque foi a partir dela que travou contato com Amos Saunders, o professor de literatura que o encantou pelo modo com que ensinava os poetas ingleses. Mais do que estudar poesia, agora ele escrevia. Para sobreviver começou a dar aulas de inglês para imigrantes. Ironicamente, apesar de parecer fugir do mundo recluso de seu pai, ao rejeitar uma vida materialista o estudante de literatura, *Isadore Lazarre*, como Layton à época assinava seus bilhetes e primeiros poemas, imaginava uma existência melhor por meio da poesia. Mas Isadore não *viveu* muito porque um dos primeiros poemas publicados por Lazarovitch por sugestão de A. M. Klein, *The vigil*, foi assinado *Irving Lazarre*. Se o primeiro nome mostrava uma tentativa de afrancesamento de sua identidade e sugeria um poeta de estilo romântico, o segundo claramente aponta que ele ainda estava na fronteira entre a Montreal anglófona e a francófona. Estudava com os filhos de ingleses, estudava poesia inglesa, mas não era um deles. Isto estava, como revelou o próprio autor, nítido nos olhares.

Mais tarde, o envolvimento com o marxismo e o socialismo ofereceu uma alternativa à vida religiosa e também à burguesa, além de uma resposta ao preconceito e atitudes anti-judaicas que surgiram no Canadá como reflexo do que ocorria na Europa com a ascensão do fascismo e do nazismo. Imerso neste caldeirão cultural de pluralidade étnicas, religiosas e ideológicas que tentavam se afirmar, Lazarovitch se tornou *Irvine Lazare*, membro da *Liga Socialista Jovem* e travou debates acalorados e participou de manifestações e pronunciamentos como o que proferiu na *Liga de Defesa dos Trabalhadores Canadenses* em 1932. Contudo, o marxista Lazare, também seria rapidamente substituído por *Irving Peter Lazarovitch*, agora já na faculdade, reconhecido orador e editor do jornal dos estudantes, odiado por alguns por trazer uma imagem de esquerda para a instituição e por ter criado o *Clube da Pesquisa Social* que servia de fórum para debates políticos. Em alguns artigos, Irving assinou *Pero*, um apelido que Gleb Krzhizhanovsky, amigo de Lenin, deu a Trotsky em homenagem a seu sucesso como escritor. Esses artigos chamaram tanta atenção que ele foi considerado comunista e proibido de entrar nos Estados Unidos por aproximadamente 15 anos. Mas, um pouco antes desta proibição, *Irving Lazarovitch* experimentou em Nova York, no outono de 1936 quando visitou seus irmãos, a pobreza imposta pela quebra da bolsa ocorrida em 1929. Enquanto tentava pregar o "evangelho marxista", seus irmãos queriam apenas sobreviver.

Ao retornar a Montreal procurou retomar os estudos e desde sua volta dos Estados Unidos passou a se apresentar como Layton quando participava de algum círculo de poetas. Na formatura *Irving Peter Lazarovitch* deu espaço para *Irving Peter Layton* como preferia ser chamado, exceto no caso de quando publicava contos e ainda assinava *Irvine Layton*. Foi Irving Peter Layton quem se alistou na Artilharia Real do Canadá como uma resposta ao nazismo. O poeta serviu como comandante de brigada em Petawawa onde conheceu a pintora e também poeta Betty Sutherland, irmã do

poeta e editor John Sutherland. Irving Layton e Betty passaram a viver juntos até obter o divórcio de Faye, sua primeira mulher. De seu segundo relacionamento nasceram seus dois primeiros filhos Maxwell (1946) e Naomi (1950). Layton e o cunhado se tornaram amigos e juntamente com outros novos poetas questionavam as posições de críticos mais velhos, como, por exemplo, Northrop Frye, em relação à natureza e o significado da poesia. O grupo de Layton defendia que a poesia deveria expressar a realidade se quisesse ser relevante e ter significado imediato, além de argumentar que os poetas canadenses deveriam criar sua própria identidade e parar de se voltar para o modelo inglês. John afirmava que os poemas de Layton lembravam os de Klein pela beleza romântica, pela evocação de elementos da Bíblia Hebraica e pela sátira prazerosa. Desta amizade viriam as publicações de suas primeiras obras enquanto para sobreviver Layton dava aula para imigrantes na biblioteca pública judaica e ensinava literatura na escola *Herzliah Jewish Parochial High School*. Layton passaria a considerar a possibilidade de lecionar numa universidade, mas isso só viria a ocorrer no final dos anos 1960. Antes dos 50 anos Irving Layton admitia os muitos mundos em que viveu e ainda vivia como escrito numa dedicatória em 1941.

Every person lives in many worlds. But
There is one world among others that includes
all the others. He is, indeed, fortunate who
discovering, dwells in it. And it sometimes happens!
Your devoted friend
Irving Layton (CAMERON, 1985. p.114)

Mundos dentro de um mundo, pessoas dentro da pessoa como, por exemplo, identificado pelo próprio Frye ao dizer que *há um poeta verdadeiro enterrado no Sr. Layton, gentil, talentoso, solitário e amedrontado que nos revela o quanto o seu amor infantil por Tenyson tornou-se um medo do mundo hostil*. E, para quem pensa que Israel Pincu Lazarovitch toleraria ser esquecido, substituído por Irving Layton, lá estava ele submerso na morte de sua identidade multifacetada no poema *Linha sobre eu mesmo*.

Here rots Irving Layton
Claimed by no kith or kin;
Friends I had none, for who
Could love an ironic Jew

Being a misanthrope
I gave mankind rope,
But women I loved well
And still want them in hell.

Next I love poetry,
Though knew the poets lie;
I sometimes loved the sun,
Clouds and thoughtless children

All mercurial things;
Streams, air, bright-coloured wings

I hated cruelty

The world s well rid of me. (CAMERON, 1985. p.235).

A auto-imagem como mártir, os outros dois filhos ainda a nascer em mais três casamentos, o poeta messiânico portador de um discurso com estandarte proletário, mas com viagens ao exterior e apreciador da boa vida, a identificação com as vítimas (quase-esquecidas) do Holocausto, o amor tardio por Israel, a despreocupação com a estética e a beleza e o olhar para a degradação humana e a morte. Nada disso, por mais submerso que esteja nas últimas estrofes, aparece em sua autobiografia. Ela termina tranquilamente no ponto em que Layton se casa com Betty. Estranhamente era neste momento que ele deveria ter começado sua narrativa, afinal, como anteriormente mencionado, foi Irving Layton quem “passou a existir” e ele quem escreveu *Esperando pelo Messias*. Mas, ao que indica, Irving Layton escreveu até o ano em que o poeta Irving Layton nasceu e, talvez, propositamente, tenha deixado para outros escreverem sobre ele. De qualquer forma, o *filho do mendigo*, tradução de seu sobrenome Lazarovitch, abriu as portas para a poesia moderna canadense e para a forte presença judaica neste círculo ao mesmo tempo em que demonstrou que as convenções sobre identidade e as fronteiras do eu-lírico não são fixas.

2006. Israel, Issi, Irvine, Isadore, Irving, Pincu, Peter, Pero, Pinchas, Lazarovitch, Lazarre, Layton encontra o seu maior e mais abrangente “eu”, pois em suas próprias palavras, a morte é a maior benfeitora da humanidade, ela é como o Messias. Ela que verdadeiramente nos redime.

Referências Bibliográficas:

ABELLA, Irving. Multiculturalism, Jews, and forging a Canadian Identity. In: *Multiculturalism, Jews, and Identities in Canada*. The Magnes Press/The Hebrew University, 1996. p. vii-xx.

CAMERON, Elspeth. *Irving Layton*. A portrait. Toronto: Stoddart, 1985.

LAYTON, Irving. *Waiting for the Messiah: a memoir*. Toronto: McClelland & Stewart, 2006.

SHERWIN, Richard E. Ethnicity and Judaism: or How Jewish is Canadian Jewish Poetry?. In: *At the edge. Canadian Literature and Culture at Century's End*. Jerusalem: The Magnes Press/The Hebrew University, 1995. p. 114-134.

Autor:

Alexandre FELDMAN, Professor Doutor

Universidade de São Paulo (USP)

email: feldman_alexandre@yahoo.com